

## Bibliographia

ARCHEOLOGIA CHRISTÃ, por Albano Bellino, Lisboa 1900, 290 pag.

O Sr. Albano Bellino, archeologo bracarense, publicou um novo livro, intitulado *Archeologia Christã*, com o qual veiu enriquecer o patrimonio archeologico nacional, fazendo nelle a coordenação completa de quantos monumentos, e não são elles poucos nem de pequeno valor, que a arte christã deixou nas duas mais antigas cidades do Minho e nos seus arredores. O serviço que o Sr. Albano Bellino presta assim á historia da archeologia portuguesa é valiosissimo. Naquella região encontram-se realmente edificios religiosos de respeitavel antiguidade, e tanto mais dignos de apreço quanto, em volta de muitos d'elles, gravitam factos importantes, quer da nossa historia nacional, quer da primitiva historia da Igreja portuguesa. E não só edificios, mas alfaias de altissimo merecimento, vinculadas tambem a tradições indubitavelmente antigas e respeitadas, se guardam preciosamente nos thesouros de muitas igrejas e capellas d'aquella provincia. Estas riquezas ficam, depois do livro do Sr. Albano Bellino, archivadas indelevelmente para o conhecimento da arte antiga christã em Portugal. Por isso diziamos que este trabalho representa um serviço importantissimo prestado á archeologia historica nacional.

Quer isto dizer que ha inteira concordancia de opiniões entre nós e o illustre autor da obra, a respeito da attribuição de alguns monumentos de que se occupa? Evidentemente não; em tão vasto campo de observação e em face de tão numerosas produções da antiga arte christã, não datadas, seria impossivel obter absoluta conformidade de voto. Tanto mais que são ainda restrictos entre nós estudos de archeologia monumental. Para exemplificar, apenas destacaremos a nossa divergencia do parecer do Sr. Albano Bellino na antiguidade outorgada á curiosa igreja de S. Miguel-do-Castello (Guimarães)<sup>1</sup>; crêmo-la algo menos antiga; a opinião que o A. attribue a Vilhena Barbosa e ainda a de Philippe Simões<sup>2</sup> afiguram-se-nos mais conciliaveis com a diffusão

<sup>1</sup> *Archeologia christã*, pag. 43.

<sup>2</sup> O parecer de F. Simões é que esta igreja é coeva da Cedofeita (seculo xi e inicio do seculo xii), contudo do seculo xii e talvez xiii (a minha duvida versa sobre a leitura de uma inscrição) conheço eu, em Arcos de-Val-de-Vez (Tavora), uma capella que parece até estrejada sobre a de Guimarães. Veja-se *Relíquias da architectura romanico-bysantina em Portugal*, por A. F. Simões, pag. 20; *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portugueses*, tomo v (1888), pag. 2; *Monumentos de Portugal*, por Vilhena Barbosa, pag. 106 e *Abécédaire ou rudiment d'Archéologie*, par De-Caumont, pag. 294 e 380.

das formas architectonicas caracteristicas de cada seculo<sup>1</sup>. A forma do portal com sua archivolta e a da porta lateral (lado sul), que não se vê na estampa, mas que é bastante caracteristica, não são, a meu ver, elementos que não devam pesar no criterio do archeologo. Ainda outra discordancia: o precioso sino de S. Geraldo, rejuvenescemo-lo alguns seculos, relativamente á idade que lhe confere o Sr. Albano Bellino<sup>2</sup>. Prece-nos que a paleographia<sup>3</sup> terá difficuldades em acceitar a conclusão a que o Sr. Bellino chegou, apesar da exactidão da leitura com que aliás concordamos. E, não obstante, a critica epigraphica poderia com direito levantar suspeição contra a authenticidade de um letreiro, em que o modo de datar fosse ANNO DÑI MILE em vez de ERA M ou ERA MILLESIMA, tratando-se do tempo de que se trata. O velho bronze da Sé de Braga, embora não seja senão do seculo XVI, como julgamos (1501), constitue, no seu genero, uma antigualha rara. Podem a razão e o acerto não estar do nosso lado, mas nem isso desmente a sinceridade com que assim pensamos, nem o contrario deslustra o valor do trabalho do operoso archeologo. Incondicional homenagem prestamos a quem com tanta fadiga colligiu esse rico inventario de antiguidades nacionaes; muito devem ao seu autor os estudiosos do país e os de fóra que pela nossa arte se interessem.

Entendemos porém que não deve repousar sobre os louros o Sr. Albano Bellino. A archeologia historica é exigente, e o patrimonio nacional de antiguidades tem direito de pedir mais alguma cousa, a quem com tanta dedicação tem mostrado que o sabe zelar. Muitos dos monumentos, cuja descripção e historia este livro encerra, merecem monographias especiaes, particularizadas, e d'ellas carecem mormente debaixo do aspecto architectonico<sup>4</sup>. Esses modilhões uniformes ou va-

<sup>1</sup> Não para fazer indicações bibliographicas, que seriam desnecessarias, mas para darmos fundamento ao nosso juizo, referiremos algumas obras que, neste assunto, nos vão educando; são ellas: *Archéologie Chrétienne*, de Bourassé; *Archéologie Religieuse*, de Mallet; o magnifico compendio de Gaborit, *Manuel d'Archéologie*; a riquissima obra de J. Guilhabaud, *Monuments anciens et modernes*, com numerosas monographias e esplendidas gravuras; as *Relíquias*, de Philippe Simões; os *Elementos de Archeologia e Iconographia Christã*, de Sousa Monteiro; *Archeologia Christã*, de Possidonio; *Monumentos arquitectónicos de España*; *Lecções de Archeologia Sagrada*, de L. Ferreiro; etc., etc.

<sup>2</sup> *Archeologia christã*, pag. 55.

<sup>3</sup> Firmamo-nos em J. P. Ribeiro (*Dissertações chronologicas e criticas*, tomo IV, dissertação xv), e em Hübner (*Inscr. Hisp. Christ.*), etc.

<sup>4</sup> Lembra-nos, por exemplo, a igreja de S. Salvador de Montelhos, de que a *Archeologia Christã* se occupa a pag. 34. Moveram-nos uma grande curiosidade

riados, esses capiteis phantasticos ou figurados, esses fustes ornamentados ou lisos, essas profundas archivoltas de labores geometricos, esses espelhos arrendados, as bases romanicas com patas ou de molduras corridas, a presença ou ausencia de contrafortes e a sua forma, as linhas de uma fachada, a planta de um edificio, a construcção e o genero de uma abobada, os vestigios ou a inteira falta das cupulas bysantinas ou dos madeiramentos latinos, a averiguação das influencias que de cada estylo ou escola sobresaem na fachada, na planta, no apparelho, na ornamentação . . . , quantos problemas não encontrará o Sr. Bellino, detendo-se agora com olhar perscrutador deante das venerandas reliquias architectonicas, que ainda esmaltam as duas velhas cidades e os seus campos! O livro do Sr. Bellino é, como disse, um inventario erudito, recamado de prodigas referencias historicas; mas o que a archeologia nacional agora pede a quem tão desinteressadamente a serve, é o complemento d'esse largo trabalho, o preenchimento d'esse grande programma, o estudo especial, demorado e completo de cada monumento em separado. Lance-se o nosso amigo a essa tarefa com a vontade que lhe não falta, e verá a numerosa prole gerada do seu proprio livro, quando elle se desdobrar em monographias especiaes, illustradas com representações irreprehensivelmente nitidas de todos os elementos architectonicos ou decorativos de cada monumento ou de cada alfaia, que isso é conveniente, documentadas com a reproducção paleographica e absolutamente exacta de cada letreiro, que isso é essencial, quando este sirva para a comprovação escrupulosa da sua idade, ou para o conhecimento perfeito de algum problema, a que se ligue.

Na fórma, o livro do Sr. Albano Bellino é um volume de 290 paginas, precedidas do retrato do autor, repletas de indicações interessantes e ornadas com 66 photogravuras, que, a falar verdade, nos estimulam a curiosidade de saber mais, e o desejo de ir ainda ao intimo das cousas.

Agradecemos o exemplar com que o nosso amigo e desinteressado escritor nos brindou, e felicitamo-lo pelo seu trabalho, valioso em si, como acabamos de mostrar, e valioso como exemplo, bom para ser seguido.

Lisboa, Maio de 1902.

FELIX ALVES PEREIRA.

---

essas reliquias architectonicas, depois que lemos no *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portugueses* (tomo VIII, 1898, pag. 18) um curto, mas notavel, estudo do professor Ernesto Korrodi, que crê ver nessas ruinas um dos vestigios mais antigos da architectura religiosa existentes em Portugal, porventura na peninsula, e por isso mesmo dignos de grande apreço.